

Roriz ordena derrubada de barracos na invasão do Areal

Mais de 300 casebres foram demolidos ontem pelos fiscais do governo. Na grande maioria deles, não havia ninguém morando

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Menos uma invasão no Distrito Federal. Tão rapidamente como surgiram, centenas de barracos de madeirite e de lona preta desapareceram ontem num passe de mágica. Quinze fiscais do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo) derrubaram os casebres, construídos às pressas desde o começo da semana no Dis-

trito Industrial de Taguatinga, próximo ao bairro do Areal, em Taguatinga Sul. De manhã, já eram quase 500 barracos prontos. No final da tarde, mais de 300 já tinham sido derrubados pelos fiscais do governo.

Não houve violência na operação de desmonte determinada pelo próprio governador Joaquim Roriz. Apenas lamentações por parte de alguns invasores. A derrubada dos barracos começou às 14h50. Um pelotão de 30 poli-

ciais militares foi mobilizado para a área. Somente para dar proteção aos fiscais e evitar confrontos. "Constitucionalmente, não compete à PM derrubar barraco. Os fiscais do Siv-Solo têm poder de polícia para isso", explica o comandante-geral da Polícia Militar, coronel Antônio Ribeiro.

RONDA

Até as 16h30, mais de 300 barracos foram demolidos. Na maioria não havia ninguém morando. A madeirite era empilhada nas carrocerias dos caminhões da Terracap e levada para o depósito da Administração Regional de Taguatinga. Os casebres que restaram serão retirados na segunda-feira, avisa o major Esmeraldo de Oliveira,

gerente do Siv-Solo. E para impedir que os invasores reconstruam os barracos, policiais militares devem fazer ronda ininterrupta no local.

A invasão do Areal começou a brotar no começo da semana. O **Correio Braziliense** acompanhou a rápida construção dos barracos. Na manhã de quinta-feira não passavam de 20 barracos. Mas uma multidão de invasores continuava chegando. Ora capinavam ora queimavam o mato e erguiam o casebre de lona ou madeirite. Na sexta, a administração regional de Taguatinga já estimava em 400 o número de barracos na área invadida.

O surgimento da nova invasão inquietou o governo. No final da tarde de sexta-feira, o governador Joaquim Roriz decidiu ir à invasão, conversar com as famílias. Lá, pediu para que parassem de invadir, desmontassem os barracos e desocupassem a área. Uma equipe de funcionários do Governo do Distrito Federal (GDF) ficou até as duas da madrugada de sábado na invasão fazendo o levantamento socioeconômico das famílias.

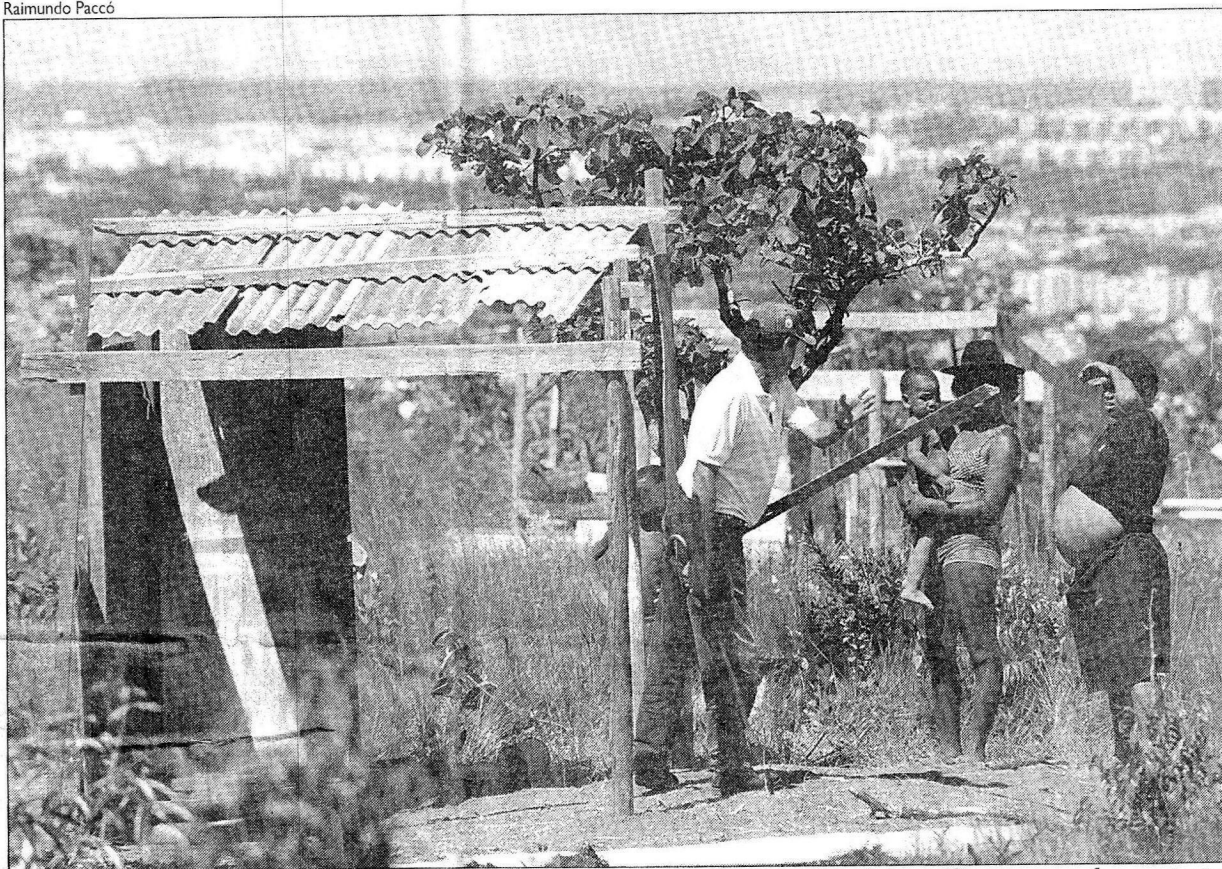
No entanto, o apelo de Roriz não funcionou. Os que estavam resolveram ficar, e na manhã de ontem mais 100 pessoas chegavam ao local. Os novos invasores atearam fogo no mato para construir os barracos.

"Fica mais fácil limpar. E não há perigo de incêndio, não. A estrada de terra funciona como aceiro", explicava José Carlos Santos, 35 anos, servente da Novacap que planejava erguer o barraco até o final do dia. Mas foi impedido pelos fiscais.

CELULARES

Durante a retirada dos barracos, a maioria dos invasores, principalmente aqueles que exibiam celulares e circulavam de carro pela estrada de terra, deixou o local sem oferecer resistência. Outros, como o vigilante José Roberto de Moura, 55 anos, desmontavam o barraco por conta própria. "Se deixar eles quebram todas as telhas", diz.

Mas houve protestos isolados. Para acalmar os mais exaltados, servidores da administração regional de Taguatinga colhiam dados das famílias que haviam ficado de fora do levantamento socioeconômico. Durante a madrugada de sábado foram distribuídas 800 senhas. Ainda assim, muita gente reclamou. "Estava lá no barraco dormindo e não vi nada", protestava, ontem de manhã, a faxineira Nice Borges Cortes, 33 anos, que não tinha senha. Até aquele momento, a determinação do governo era de atender somente quem tinha senha. Para evitar conflitos, a decisão foi revista à tarde.



A derrubada dos barracos da invasão do Areal começou no meio da tarde e foi pacífica, apesar dos protestos

Invasores ignoram apelo do governo

Antes da equipe de fiscais do Siv-Solo entrar em ação, a determinação dos invasores era não obedecer ao apelo do governador Joaquim Roriz. As famílias insistiam em ficar e incentivavam os mais desanimados a terminarem os barracos de madeirite. "O negócio é ocupar essa área do governo. Depois ele remove vocês para outra área. Bote isso na cabeça: ele não vai derrubar barraco de ninguém", discursava o servente José Carlos Santos, 35 anos, para um grupo de invasores

que tinha acabado de chegar à invasão do Areal.

Altamir Francisco dos Santos, 49 anos, também não acreditava na derrubada. Chegou ontem, às 8h da manhã, à invasão. Com o facão em punho, cortava arbustos e abria espaço no meio do matagal para construir o seu barraco. "Sei que não é certo invadir. Mas com tanto terreno no DF por que vou pagar aluguel?", argumentava o mineiro, que diz morar há 29 anos em Brasília.

Mas quando a derrubada come-

çou, a decepção das famílias pobres foi grande. A dona-de-casa Maria Rodrigues França, 52 anos, desfilava pelo matagal carregando bandeira azul da campanha de Roriz. "Trabalhei de graça pro Roriz. Fui humilhada pelo PT por causa disso. Pensei que não ia derrubar o barraco da gente", lamentava a piauiense de São João do Piauí. "Quero lote para meus três filhos que vão casar. Eu mesma tenho casa lá na M Norte (em Taguatinga)." (R.A.)